

MEMÓRIAS DA BATALHA DE PLAYA GIRÓN: ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO NOS DISCURSOS DE FIDEL CASTRO (1964-1976)

[ARTIGO]

Bruno Romano Rodrigues
Universidade de São Paulo

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Este artigo analisa os discursos de Fidel Castro sobre a memória da batalha de Playa Girón (ocorrida nos dias 17 a 19 de abril de 1961), entre 1964 e 1976. Analisaremos como a memória oficial criada em torno da vitória revolucionária sobre a expedição financiada pelo governo dos EUA adquiriu diferentes significados ao longo do tempo, apresentando diálogos com os contextos político-sociais de países da América Latina (Chile e Brasil) e da África (Angola). Enfocaremos as estratégias de comunicação empregadas por Castro com o objetivo de tornar a memória de Playa Girón, considerada pelo regime socialista insular a primeira derrota imperialista no continente americano, um tema capaz de embasar interpretações relativas não somente à história de Cuba e da Revolução Cubana, mas também à de outros povos e nações. Versátil e polissêmica, a memória de Playa Girón presente nos discursos de Castro se adaptou às mais diferentes conjunturas, demandas e necessidades de seus contextos de enunciação.

Palavras-chave: Fidel Castro. Revolução Cubana. Memória. Playa Girón. Análise de discurso.

This paper analyzes Fidel Castro's speeches about the memory of the Battle of Playa Girón (which took place from April 17-19, 1961), between 1964 and 1976 by examining how the official memory created around the revolutionaries' victory over the US-financed expedition acquired different meanings over time, presenting dialogues with political and social contexts from Latin American (Chile and Brazil) and African (Angola) countries. We focus on the communication strategies used by Castro to make the memory of Playa Girón, considered by the insular socialist regime the first imperialist defeat on the American continent, capable of supporting interpretations related not only to the history of Cuba and the Cuban Revolution, but also to that of other peoples and nations. Versatile and polysemic, the memory of Playa Girón in Castro's speeches was adapted to the most different enunciative situations, demands and needs.

Keywords: Fidel Castro. Cuban Revolution. Memory. Playa Girón. Discourse analysis.

Este artículo analiza los discursos de Fidel Castro entre 1964 y 1976 sobre la memoria de la Batalla de Playa Girón (ocurrida del 17 al 19 de abril de 1961). Analizaremos cómo la memoria oficial en torno a la victoria revolucionaria sobre la expedición financiada por el gobierno de los Estados Unidos ganó diferentes significados a lo largo del tiempo, presentando diálogos con los contextos políticos y sociales de países de América Latina (Chile y Brasil) y África (Angola). Nos centraremos en las estrategias de comunicación utilizadas por Fidel con el objetivo de hacer de la memoria de Playa

Girón, considerada por el régimen socialista insular como la primera derrota imperialista en el continente americano, un tema capaz de fundamentar interpretaciones relacionadas no solo con la historia de Cuba y la Revolución Cubana, sino también con la de otros pueblos y naciones. Versátil y polisémica, la memoria de Playa Girón presente en los discursos de Fidel se adaptó a las más diversas situaciones, demandas y necesidades de sus contextos de enunciación.

Palabras clave: Fidel Castro. Revolución Cubana. Memoria. Playa Girón. Análisis del discurso.

Este artigo visa contribuir para o debate sobre a construção da memória da Revolução Cubana (PRADO, 2018), e em particular da batalha de Playa Girón, também conhecida como batalha da Baía dos Porcos (JOHNSON, 1964; WYDEN, 1979). Para tanto, serão analisados alguns dos discursos proferidos por Fidel Castro entre 1964 e 1976 voltados à rememoração dos eventos ocorridos entre os dias 17 a 19 de abril de 1961, que marcam o começo e o fim do conflito.

A concepção e a execução do desembarque dos grupos anticastristas em Cuba ocorreram, respectivamente, nas gestões dos presidentes estadunidenses Dwight Eisenhower e John Kennedy, que financiaram a composição de um contingente armado composto, em sua maior parte, por exilados cubanos insatisfeitos com os rumos da Revolução. Sob o controle da Agência Nacional de Inteligência (CIA), o projeto utilizou países da América Central como base territorial para as operações logísticas e militares.

A estratégia que visava acabar com a experiência revolucionária insular também envolveu a fundação e o financiamento de organizações como a Frente Revolucionária Democrática (FRD), entidade composta em sua maior parte por antigos políticos cubanos e por dissidentes do governo castrista. Ainda como parte dos preparativos para a invasão a Cuba destacam-se o incêndio criminoso da loja de departamentos El Encanto, em Havana, em março de 1961, e os bombardeios das bases aéreas de San Antonio de los Baños e Ciudad Libertad, além do aeroporto Antonio Maceo, em Santiago, perpetrados no dia 15 de abril do mesmo ano.

Por ocasião do ato fúnebre em homenagem às vítimas dos atentados às bases aéreas, no dia 16 de abril de 1961, poucas horas antes da invasão à ilha, Fidel Castro declarou o caráter socialista da Revolução Cubana. A curto prazo, a medida visava gerar uma rápida e maciça mobilização popular em uma eventual resistência patriótica contra os inimigos do regime. Na madrugada de 17 foram avistadas as primeiras embarcações que levavam a bordo os cerca de 1.500 combatentes da Brigada 2560. A fim de comandar pessoal e presencialmente as estratégias e ações que visavam debelar o ataque vindo do exterior, Castro dirigiu-se à região do desembarque, Ciénaga de Zapata, na província de Matanzas. Graças à rápida e massiva mobilização popular, em pouco menos de 72 horas os invasores foram encurralados até caírem prisioneiros, sendo o conflito encerrado com a vitória do governo revolucionário.

Segundo os dados oficiais do regime cubano, a batalha contabilizou 157 baixas para o seu exército. Do outro lado, 89 mortos, 250 feridos e 1.181 detentos sob o poder do Estado. Entre 29 de março e 4 de abril de 1962, no Castelo dos Príncipes, em Havana, os cativos se sentaram no banco dos réus em um julgamento no qual foram acusados de traição à pátria, e passaram a ser chamados de “mercenários”¹.

¹ O tribunal montado no Castelo dos Príncipes com o objetivo de julgar os expedicionários financiados pelos EUA teve o comandante Augusto Martínez Sánchez como presidente, e foi integrado pelos também comandantes Juan Almeida Bosque, Sergio del Valle Jiménez, Guillermo García Frías e Manuel Piñeiro Lozada. O julgamento contou ainda com as participações de um promotor, o doutor Santiago Cuba, da Corte Suprema de Justiça de Cuba, de um secretário, o capitão Narciso Fernández, e de um advogado de defesa, o doutor Santiago Béjar, professor da Universidade de Havana.

A sentença da Causa 111, emitida em 17 de maio de 1962, previa como condenações o pagamento de indenizações financeiras, totalizando pouco mais de 62 milhões de dólares, combinadas a penas de até 30 anos de cárcere, além da perda da cidadania cubana. Após as tratativas diplomáticas que envolveram o comitê de prisioneiros, o comitê Roosevelt e a comissão de familiares de prisioneiros, o governo estadunidense aceitou pagar a multa exigida pelos cubanos, por meio da compra de alimentos e remédios, em troca da libertação dos prisioneiros (PERÉZ, ROMAN, 2016; HISTORIA DE UNA AGRESIÓN, 1962).

No que tange aos usos políticos da memória de Playa Girón, poucos dias após a batalha, em 23 de abril de 1961, em uma transmissão do programa televisivo Universidad Popular, Fidel Castro ainda se mostrava indeciso quanto a uma interpretação “definitiva” do acontecimento que acabara de testemunhar, como se pode ler no trecho a seguir:

Por eso la agresión no fue una típica agresión indirecta. Fue una mezcla de agresión indirecta, o de estrategia de ataque indirecto y acción directa. Es decir, fue una cosa mixta. No una agresión directa, realizada directamente por la Infantería de Marina, por su aviación, por sus fuerzas militares, ni tampoco una agresión indirecta, sin la participación de unidades de ellos. La organizan, fundamentalmente, sobre la base de mercenarios, y la apoyan bastante directamente con Marina de Guerra y con la aviación (CASTRO, 2001a, p. 28).

No entender do então primeiro-ministro de Cuba, o ataque recentemente

debelado revelou ao mesmo tempo uma participação “direta” e “indireta” das autoridades estadunidenses. Por um lado, argumentava, o conflito não podia ser atribuído exclusivamente aos EUA. Por outro lado, também não se deveria isentar o “inimigo imperialista” de ter participado ativamente da organização do plano que visava acabar com o governo revolucionário por meio das armas. Contudo, ao longo do tempo esta interpretação “mista” perdeu fôlego enquanto narrativa histórica, e em seu lugar construiu-se a tese de que os eventos de Playa Girón foram o resultado de uma ação político-militar “direta” premeditada pelo governo estadunidense.

Nessa perspectiva, a lembrança do fato tornou-se uma prática comum na narrativa socialista insular, que o transformou em uma peça de propaganda política capaz de simbolizar a resistência cubana diante das agressões vindas do exterior. De todas as comemorações envolvendo eventos militares, a de Playa Girón é a única na qual Castro e seu grupo não saíram derrotados. Comparativamente, tanto o ataque ao quartel Moncada, em 26 de julho de 1953, quanto o desembarque do iate Granma, em 2 de dezembro de 1956, não resultaram em vitórias ao M 26-7, a despeito da historiografia cubana retratar tais eventos como demonstrações de heroísmo.

No *front* da memória, alvo do regime socialista insular após a consolidação da vitória revolucionária, uma série de obras foram publicadas com o objetivo de difundir o “heroísmo” dos participantes da batalha (Cf. CASCORRO, 1962; MARRERO, 1982; DEL PINO, 1982; MAYO, 1983; MACÍAS, 1984; MOLINA, 1984; CORRALES, 1985; CHAVEZ, MEDINA, ALMOHALLA, 1986; CORRALES,

TORRES, 2007; FRANCHOSI, 2011). Parte desse processo, a historiografia da ilha também se tornou um terreno em constante disputa ideológica, tanto a produzida em Cuba, favorável à Revolução (RODRÍGUEZ, 2010; MACHADO, 1983) quanto a produzida fora da ilha, de viés anticastrista (ROS, 2001; TRIAY, 2020).

Em discurso realizado em 23 de abril de 1961, Fidel Castro mencionou seu desejo de que o governo iniciasse rapidamente a construção do “mais belo dos monumentos” (CASTRO, 2001a, p. 86) em honra aos caídos em combate. Contudo, apenas em 19 de abril de 1976, quando a batalha completava o seu 15º aniversário, é que se inaugurou um museu estatal dedicado ao tema, construído nas cercanias de Gironcito, no município de Ciénaga de Zapata. Pouco mais de dois anos depois, em 10 de outubro de 1978, o recém-criado Conselho Nacional de Patrimônio Cultural conferiu à instituição o título de monumento nacional, fato ocorrido no dia em que Cuba relembra o 110º aniversário de sua primeira tentativa de independência contra os espanhóis, o Grito de Yara (1868). Além da patrimonialização acima referida, a memória do conflito serviu como mote para nomear a Orden Nacional de Playa Girón, condecoração destinada aos defensores da Revolução Cubana², o Instituto

de Ciencias Basicas y Preclínicas Victoria de Girón, criado em 1962, o estádio esportivo Victoria de Girón, sede da equipe de beisebol Matanzas Cocodrilos, em 1977, e o torneio de boxe Playa Girón, disputado por representantes de todas as províncias cubanas, divididos em três categorias.

No que se refere ao papel de Fidel Castro nesse processo, sua produção discursiva relativa a este tema contabiliza dezoito pronunciamentos realizados ao longo dos quase cinquenta anos em esteve à frente de cargos estatais e partidários em Cuba. Assim como observado em outras datas comemorativas inscritas no calendário cívico da Revolução Cubana, nos discursos dedicados à memória de Playa Girón constata-se a ocorrência do fenômeno temporal das “datas cheias”, que apresenta intervalos de cinco anos e apresenta dois pronunciamentos por década. Entre os anos de 1970 e 2006, observa-se a repetição de discursos na seguinte ordem: 1971, 1981, 1991 e 2001, relativos às comemorações do 10º, 20º, 30º e 40º aniversários do evento, respectivamente; e 1976, 1986, 1996 e 2006 relativos a 15º, 25º, 35º e 45º aniversários, subsequentemente. Já no âmbito editorial controlado pelo Estado e pelo Partido Comunista de Cuba (PCC), responsável pela divulgação dos pensamentos do mandatário, nota-se uma ampla divulgação das falas realizados por Fidel Castro em memória de Playa Girón (CASTRO, 1978; 2001a,b,c).

Ao longo do tempo, a memória de Playa Girón mostrou-se um marco histórico

² Promulgada pelo Conselho de Estado da República de Cuba em 18 de julho de 1961, a Lei nº 949 previa a concessão da insígnia a naturais ou estrangeiros que tivessem contribuído para a paz e o progresso da humanidade. Oito dias depois, Yuri Gagarin se tornou a primeira pessoa agraciada com tal distinção, durante as comemorações oficiais do 26 de julho de 1961. Além do cosmonauta soviético, ao longo do tempo outras figuras de projeção internacional foram premiadas com a honraria dedicada à memória de Playa Girón, tais como o líder sul-africano Nelson Mandela, o ex-presidente mexicano

Lazaro Cárdenas, o revolucionário moçambicano Samora Machel e o chefe da Autoridade Nacional Palestina, Yasser Arafat.

de grande relevância para o regime cubano. Entre outros exemplos que comprovam o vigor e a longevidade da lembrança dessa batalha, destacamos o fato de que no dia 19 de abril de 2018, em Havana, Raul Castro transmitiu o cargo de Presidente dos Conselhos de Estado e de Ministros a Miguel Díaz-Canel, encerrando o ciclo da geração histórica formada pelos antigos guerrilheiros de Sierra Maestra que haviam tomado o poder em 1º de janeiro de 1959. No evento que também marcava a inauguração da IX Legislatura da Assembleia Nacional do Poder Popular (ANPP), Díaz-Canel ressaltou que sua chegada ao posto máximo da República ocorria em um dia repleto de “emoções” e “significados” relativos ao socialismo que a geração anterior conseguira manter “íntegro” após a vitória militar conquistada nas “areias de Playa Girón há 57 anos” (DÍAZ-CANEL, 2018).

Para compreendermos o papel desempenhado pela memória de Playa Girón na narrativa oficial da Revolução Cubana, que diz respeito também mas não apenas à consolidação do sistema socialista insular (RODRIGUES, 2021), analisaremos a seguir os seus significados a partir dos discursos proferidos por Fidel Castro entre os anos de 1964 a 1976, período no qual as lembranças da batalha se mesclaram com fatos, contextos e personagens internacionais, agregando novas interpretações à vitória revolucionária obtida em abril de 1961. Entre os principais significados da memória de Playa Girón, entendida pela propaganda política do regime como a primeira derrota “imperialista” dos EUA no continente americano, destacam-se as relações estabelecidas entre Cuba e a América Latina (Brasil e Chile) e a África (Angola).

A primeira derrota “imperialista” dos EUA na América Latina

Característica central nas comemorações oficiais realizadas posteriormente, em 1964 nota-se no pronunciamento de Fidel Castro o recrudescimento da representação da batalha de Playa Girón como a primeira derrota militar dos EUA na América Latina.

Cumplimos hoy el tercer aniversario de la victoria de Playa Girón. Esta fecha cobra cada día más, o se presenta cada día más ante nuestros ojos en su real dimensión. Significó no la primera agresión imperialista a un pueblo de América Latina, significó no el primer acto de barbarie de los imperialistas yanquis [...] significó la primera derrota del imperialismo yanki en la América Latina, y — como dijo recientemente el compañero Guevara (APLAUSOS): “la primera, mas no la última”. Nuevas derrotas recibirán los imperialistas; las recibirán en nuestra tierra si nos agreden, y las recibirán en otras tierras, en manos de otros pueblos a los cuales esclavizan. [...] Hasta ese día habían actuado con absoluta impunidad, hasta ese día se sentían con derecho a despreciar a los pueblos de América Latina, hasta ese día tal vez subestimaron a nuestros pueblos de América Latina. [...] Y a los tres años, cuando la reacción imperialista levanta la cabeza en todo el continente, a los tres años de Girón, cuando la política del Gobierno imperialista de Estados Unidos es cada vez más y más agresiva, cuando la política del Gobierno de Estados Unidos es cada vez más y

más desenmascaradamente reaccionaria e intervencionista, es necesario darle todo el valor y toda la importancia que tiene esta fecha y hablar con claridad (CASTRO, 1964).

Segundo Fidel Castro, a “real dimensão” da batalha de 1961 se revelava, três anos depois, não apenas a Cuba, mas também aos povos da América Latina, que segundo ele haviam se tornado vítimas de toda sorte de “agressões” e “barbáries” patrocinadas pelos EUA nos últimos séculos. Nesse sentido, a alusão a Playa Girón visava estabelecer um marco histórico de dimensão continental, inspirando movimentos político-ideológicos que lutariam contra a “absoluta impunidade” com a qual o governo estadunidense teria imposto seus interesses econômicos na região.

Assentadas na memória do conflito de 1961, a promessa de vitória preconizada por Ernesto Guevara buscava renovar as esperanças de que, inspirados pelo exemplo da Revolução Cubana, os latino-americanos derrotassem a “depreciação” e “subestimação” do imperialismo *yanki* frente ao restante do continente. A partir desta premissa, portanto, Fidel Castro objetivava adaptar a memória de Playa Girón tanto ao contexto político interno, reforçando a importância da data para a manutenção da ordem socialista, quanto externo, procurando abranger na mensagem de vitória obtida pela Revolução diante de seus inimigos não apenas os cubanos mas também outros povos e nações da América Latina, que dali em diante se transformariam, segundo ele, em protagonistas das grandes transformações sociais que o mandatário antevia (CASTRO, 1961).

No discurso de 1964, a importância atribuída por Fidel Castro à vitória de Playa Girón atualizava a mensagem de resistência diante de uns EUA retratados como agressivos e intervencionistas. Vale lembrar que pouco tempo antes de Fidel Castro proferir as palavras acima reproduzidas, o então presidente estadunidense John Kennedy fora assassinado durante um desfile público em Dallas, no estado do Texas, em circunstâncias nunca inteiramente esclarecidas. Refletindo sobre as consequências do atentado, o estadista cubano demonstrou preocupação com as medidas adotadas pelo novo presidente, empossado após o fatídico 22 de novembro de 1963, alertando para o fato de Lyndon Johnson ser ainda mais “reacionário” que Kennedy, considerado por Castro o responsável direto pela expedição contrarrevolucionária desembarcada em Playa Girón.

De acordo com o líder cubano, o novo secretário do Departamento de Estado para Assuntos da América Latina, Thomas Mann, vinha orquestrando uma série de intervenções e violações internacionais na região, em aliança com os segmentos político-sociais mais autoritários do continente. Ainda segundo Castro, a agressividade da chamada “Doutrina Mann” teria sido a responsável por a administração do “senhor do oeste” – como Castro referiu-se a Lyndon Johnson – intensificar uma política externa que ficou marcada pelo alto grau de intervencionismo nos países da América Latina, destoando das diretrizes do plano econômico de cooperação entre EUA e América Latina chamado “Aliança para o Progresso”, lançado oficialmente por John Kennedy, em 1961.

No discurso realizado por Fidel Castro em 19 de abril de 1971, dez anos após os eventos de Playa Girón, a representação da batalha como a primeira derrota militar dos EUA no continente americano ganhou novos significados, em sintonia com o contexto político-ideológico do momento. Naquela ocasião, Castro interpretou as instabilidades sociais que ocorriam no Peru e na Bolívia como um sinal da “onda revolucionária” ou “onda de radicalização” que em breve se estenderia pela região. Sobre a realidade enfrentada por países como Argentina, Brasil e Uruguai, o líder cubano parafraseou o pensador Karl Marx ao dizer que eles se encontravam na “antessala das revoluções”, pois vivenciavam uma profunda crise das “oligarquias dominantes e exploradoras”. Como consequência da polarização ideológica e do enfrentamento à administração do presidente estadunidense Richard Nixon, Castro defendeu o direito que Cuba tinha de se solidarizar com os movimentos, governos e povos insurgentes da América Latina, mesmo que ao preço de uma eventual normalização das relações diplomáticas com os EUA.

No encerramento do seu discurso, esforçando-se para oferecer uma visão global sobre o presente histórico de 1971, Castro arrematou seu raciocínio da seguinte forma:

Por eso nosotros creemos que ya este X Aniversario de Girón marca un cambio cualitativo en la situación de América Latina. Y deberá marcar también un cambio cualitativo en el desarrollo de nuestra conciencia internacionalista, en el desarrollo de nuestra conciencia latinoamericana. [...] Así que para nosotros este X Aniversario de Girón se conmemora

bajo los auspicios de un crecimiento del movimiento revolucionario y una ola de radicalización revolucionaria de América Latina; se conmemora en un momento en que ya no es solo Cuba: en que otros pueblos siguen ese camino; y se conmemora en un momento en que la lucha por la liberación de los pueblos toma auge, y cuando las tareas futuras de nuestro pueblo se vislumbran con toda claridad [...] (CASTRO, 1971).

No início do trecho acima reproduzido nota-se uma contagem de tempo baseada nos eventos de abril de 1961, e não no 1º de janeiro de 1959, data que designa o triunfo da Revolução Cubana e que por isso aparece tradicionalmente no discurso oficial como o principal demarcador temporal. As palavras de Fidel Castro tomam a batalha de Playa Girón como o “marco zero” da narrativa que buscava conectar o destino de Cuba ao da América Latina. O apoio ao que Castro julgava ser uma “onda de radicalização” regional corre em paralelo com a tentativa de transformar o governo cubano em referência para os movimentos internacionais que compartilhavam os princípios da ideologia socialista.

A menção à luta armada como método legítimo de resistência aos regimes autoritários (ideia expressa pela frase “outros povos seguem o mesmo caminho”) sugere que este seria um caminho a ser seguido pelas esquerdas latino-americanas e que poderia resultar, em um futuro breve, no fim do isolamento diplomático e econômico ao qual Cuba estava submetida naquele contexto. No âmbito das relações internacionais, os eventuais triunfos de grupos políticos aliados ao regime cubano colaborariam de forma decisiva para

colocar termo às tentativas de afixamento da ilha empreendidas, direta ou indiretamente, pelo governo dos EUA. Em outras palavras, a memória de Playa Girón se encontra na base da ideia de que a Revolução Cubana, e em particular a luta armada que a originou, exerceria um papel central na tomada de consciência e nas ações dos povos latino-americanos em sua busca pela conquista da liberdade.

Playa Girón “brasileira”

Uma das ocasiões em que a memória de Playa Girón se mostrou operativa para as análises de Fidel Castro a respeito da conjuntura política latino-americana pode ser observada no ano de 1964, quando a lembrança da batalha serviu como base para a compreensão da realidade brasileira, marcada naquele momento pela deposição do presidente João Goulart e pela consequente ascensão dos militares ao poder.

Y los hechos del Brasil lo demuestran: decir que Goulart era comunista es en realidad el colmo. El Presidente destituido de Brasil trataba de realizar una serie de reformas sociales, de esas mismas reformas que hipócritamente defendían los propugnadores de la Alianza para el Progreso.

Brasil es un país enorme, cuya población crece extraordinariamente, y que es un país saqueado por los monopolios yanquis. Goulart no hizo una Reforma Agraria como la nuestra, estableció ciertas medidas imprescindibles para evitar la salida

de divisas del país. No es que prohibiera la salida de divisas, sino que limitaba las ganancias que podían extraer los monopolios norteamericanos; no es que hiciera una ley contra el latifundio, sino hizo una ley contra los latifundios que estaban a la orilla de las carreteras; no es que nacionalizara las empresas yanquis, nacionalizó algunas empresas de servicios públicos y algunas empresas petroleras.

Sin embargo, el presidente Goulart fue derrocado por un golpe de cariz reaccionario, uno de cuyos principales cerebros fue el hombre más reaccionario de este continente, un señor que, incluso, como solución al problema de la mendicidad en el Estado de Río de Janeiro donde es gobernador, como solución propugnaba la eliminación física de los pordioseros, que es lógico que allí abunden como en todo país subdesarrollado y explotado; un señor de mentalidad fascista, el gobernador del Estado de Guanabara, Lacerda, “o el cerdo”, como lo quieran llamar.

Y esos elementos, aliados a los elementos reaccionarios de las Fuerzas Armadas, llevaron adelante el plan golpista fraguado por el Pentágono y por el Departamento de Estado yanqui. Y estas cosas hay que decirlas con toda claridad cuesten lo que cuesten. Si los imperialistas creen que nosotros vamos a callarnos nuestras opiniones sobre ese golpe de Estado están muy equivocados.

Lo que tenemos es que venir a denunciar la naturaleza de ese movimiento, lo que tenemos que hacer es denunciar los propósitos de ese movimiento. Y ese golpe de Estado no fue solo un golpe contra Brasil,

fue un golpe contra el continente, fue un golpe, desde luego, que forma parte de la estrategia a largo plazo del imperialismo contra Cuba, fue un golpe no solo contra Brasil sino también contra Cuba. Pero no fue un golpe solo contra la Cuba socialista y revolucionaria, fue un golpe contra el movimiento democrático, no ya el movimiento izquierdista, no ya el movimiento socialista, no ya el movimiento comunista. ¡No, fue un golpe, incluso, contra las fuerzas progresistas, no socialistas y no comunistas! (CASTRO, 1964).

Chama atenção o fato de Fidel Castro ter caçoado da acusação de que o presidente brasileiro deposto por um golpe militar em 1964 seria adepto das ideias comunistas. Preservando a estrutura do sistema capitalista em sua essência, João Goulart estaria apenas realizando algumas das reformas previstas, inclusive, como objetivos da “Aliança para o Progresso” formulada pelo governo do presidente John Kennedy, da qual o Brasil havia se tornado signatário pouco tempo antes. Para Castro, as chamadas Reformas de Base implementadas por Goulart a partir de 1963 consistiam não em uma revolução, mas em uma reorganização econômica de viés capitalista, distante das drásticas medidas tomadas em Cuba logo após o triunfo guerrilheiro, tais como a reforma agrária e a nacionalização de empresas e bancos estrangeiros (TOLEDO, 2014; NAPOLITANO, 2017). No intuito de reverter a situação de um “país saqueado pelos monopólios yankis”, Castro mencionou duas medidas tomadas por Goulart e que ganharam forte oposição das elites nacionais e internacionais, apesar de, segundo ele, estarem longe de qualquer inclinação comunista.

Para conter a “saída de divisas” e “limitar as ambições” das empresas estrangeiras, a primeira medida se refere à promulgação da lei nº 4.131 de 1962, que disciplinava a aplicação do capital externo e das remessas dos dividendos para os respectivos países nos quais as empresas estavam sediadas. Visando mitigar o bloqueio financeiro de Washington sobre o governo federal, a Lei da Remessa de Lucros, como ficou conhecida, propunha limitar o envio a no máximo 10% do montante inicialmente investido. A medida não surtiu o efeito desejado, e o volume de investimentos externos no Brasil despencou cerca de 40% em apenas um ano. As não tão boas relações de Goulart com o governo dos EUA ficaram ainda piores, fazendo com que o Departamento de Estado estadunidense passasse a oferecer cada vez mais apoio aos setores políticos que desencadeariam o golpe perpetrado contra ele no dia em 31 de março de 1964.

A segunda medida mencionada por Castro refere-se ao decreto presidencial de Goulart que criou a Superintendência da Reforma Agrária (SUPRA), autorizando a desapropriação de áreas subutilizadas ao longo e às margens das ferrovias, rodovias e açudes, juntamente com a resolução que encampava todas as refinarias de petróleo do setor privado em operação no território brasileiro. Em fins do ano anterior, outra deliberação parecida já havia instituído o monopólio da importação de petróleo e de seus derivados à Petrobras. Como peças publicitárias do governo Jango, ambas as decisões foram subscritas em 13 de março de 1964, poucas horas antes do chamado “Comício das Reformas”, realizado na Central do Brasil, no Rio de Janeiro, que contou com a participação de aproximadamente 200 mil pessoas.

No excerto supracitado Castro também mencionou o apoio dos EUA ao golpe contra Goulart. Tal ajuda não ficou restrita ao imediato reconhecimento diplomático do novo governo chefiado pelo general Castelo Branco, o primeiro dos presidentes militares, mas envolveu uma grande operação logística em apoio às forças armadas brasileiras caso o presidente deposto tentasse oferecer algum tipo de resistência. Contando com as instruções fornecidas pelo embaixador estadunidense Lincoln Gordon, um dos principais agentes da conspiração, a chamada Operação “Brother Sam” chegou a enviar à costa brasileira uma frota naval com significativo poder de fogo. A expedição contava com dois porta-aviões, sendo um deles o poderoso *USS Forrestal*, com capacidade para transportar toneladas de armamentos e munições, podendo entrar e sair de cena em um curto espaço de tempo³.

O nível de conhecimento de Fidel Castro sobre a realidade brasileira chegou ao ponto de o mandatário cubano expor sua opinião sobre o líder do partido direitista União Democrática Nacional (UDN), conhecido por sua inflamada oratória contra os presidentes da república brasileiros, bem como por seu constante apoio às tentativas de golpe de Estado patrocinadas por setores militares autoritários. Desde o segundo mandato de Getúlio Vargas,

entre 1951 e 1954, passando pela tentativa de impedir a posse de Juscelino Kubitschek, após as eleições de 1955, o político e jornalista carioca Carlos Lacerda teve seu nome envolvido em diferentes conspirações anti-democráticas. Em sua fala, Castro chegou a acusar o então governador do Estado da Guanabara de promover uma higienização social nas ruas do Rio de Janeiro por meio da morte de pedintes e moradores de rua, oportunidade em que se referiu a Lacerda como o “homem mais reacionário deste continente”, chamando-o também de “porco”.

Para além do contexto político marcado pelo golpe de Estado que depôs João Goulart da presidência da república, nota-se que o raciocínio desenvolvido por Fidel Castro vinculou os últimos acontecimentos ocorridos no Brasil com a lembrança da batalha de Playa Girón, a qual serviu como moldura histórica para a formulação das interpretações realizadas pelo líder cubano.

Ao discursar no dia que marcava o terceiro aniversário do conflito, a estratégia retórica de Castro utilizou-se da memória da vitória revolucionária obtida em abril de 1961 com o objetivo de repercutir as causas e as possíveis consequências do movimento que resultou na deposição de Goulart. Mesmo descartando a possibilidade de o presidente trabalhista ter liderado um governo de caráter socialista, a memória de Playa Girón operou como um elemento aglutinador entre o cenário cubano e o brasileiro, condicionando a compreensão de parte da realidade latino-americana a um evento que expressaria a consolidação da luta armada na ilha caribenha, não apenas como forma de conquistar o poder, mas também de mantê-lo frente aos ataques promovidos pelos inimigos da Revolução.

³ Em virtude do imediato exílio de João Goulart no Uruguai, o suporte oferecido pelos EUA para afastá-lo do poder não precisou ser utilizado. Isso aponta para a possibilidade de Fidel Castro ter feito um uso meramente retórico acerca do apoio oferecido pelo governo estadunidense para a consolidação do golpe de 1964 no Brasil, pois tanto os preparativos quanto a própria execução do estratagema militar correram em absoluto sigilo diplomático.

Playa Girón “chilena”

Em 1971, o Chile, outro país latino-americano, foi alvo das reflexões vocalizadas por Fidel Castro durante os festejos oficiais em memória da batalha de Playa Girón. Demonstrando a proximidade entre o regime socialista insular e o governo da Unidade Popular, encabeçado por Salvador Allende, naquele ano o evento contou com a presença do ativista político Volodia Teitelboim Volosky⁴, a quem o mandatário cubano chamou de “veterano lutador revolucionário”. Ao longo de seu discurso, Castro disse que Chile e Cuba compartilhavam os mesmos “caminhos”, “princípios” e “doutrinas”, se referindo aos chilenos como “povo irmão” e reiterando a solidariedade da Revolução Cubana com o governo Allende. Em uma dessas passagens, Castro lançou mão de alguns paralelos históricos com o objetivo de associar a memória de Playa Girón não apenas ao processo revolucionário cubano, mas também ao cenário interno do Chile naquele momento.

Cuando se combatía en la Sierra Maestra, la Revolución libraba sus batallas por objetivos determinados que correspondían a aquel momento. Y muchos hombres lucharon y combatieron con gran ardor. Pero cuando llegamos a Girón, ¡nuestros combatientes fueron

allí a luchar y a morir y a pagar el precio que fuera necesario por la causa del socialismo! [...] Por eso, como dijera Raúl hace dos días en la base de San Antonio: los combates de Girón consolidaron la presencia del socialismo en América Latina [...] Volodia se preguntaba o expresaba su deseo de saber cómo fue posible aquella hazaña de Girón. Y en realidad, es sencillo de comprender. Cuando los pueblos viven un proceso de revolución a lo largo de la historia, convierten la hazaña en la cosa más natural, en el pan de todos los días. La hazaña se vuelve cotidiana. [...] Estamos completamente seguros de que los chilenos, en defensa de su revolución y de su patria, pueden realizar un Girón y muchos Girones contra los agresores, contra los reaccionarios, contra los imperialistas. [...] Por eso, compañero Volodia Teitelboim, expréseles al pueblo chileno, a la Unidad Popular, y al gobierno que preside Salvador Allende — desinteresadamente, fraternalmente, con el espíritu de Girón —, que cuando lo necesite puede contar con nuestra azúcar (APLAUSOS), y cuando lo necesite puede contar con nuestra sangre (APLAUSOS), y cuando lo necesite puede contar con nuestras vidas. ¡Vivan los héroes de Girón! (CASTRO, 1971).

Conforme visto no trecho do discurso acima citado, realizado em 19 de abril de 1971, Fidel Castro procurou se apresentar publicamente como um aliado do governo de Salvador Allende, a ponto de oferecer como demonstração de solidariedade, além das doações de açúcar destinadas ao país sul-americano, o “sangue” e a “vida” dos cubanos em defesa, segundo é possível inferir de suas palavras, do processo

⁴ Chama a atenção, neste discurso, o fato de Fidel Castro ter se dirigido a Volodia e o citado nominalmente em pelo menos cinco oportunidades. Numa delas, infere-se que o convidado chileno discursara no mesmo palanque de Castro pouco tempo antes da fala do líder cubano, quando o emissário de Salvador Allende teria exposto a situação político-social enfrentada em seu país pelo governo da Unidade Popular.

revolucionário pacífico que ocorria no Chile. Neste caso, a aproximação entre ambos os países ocorreu por meio da memória da guerrilha promovida dentro da ilha contra o regime autoritário de Fulgêncio Batista e simbolizada pela Sierra Maestra.

Fidel Castro atribuiu à luta armada contra Batista a realização de “determinados objetivos que correspondiam àquele momento”, sem especificar, contudo, quais seriam as metas a serem atingidas entre os anos de 1956 e 1958, isto é, entre o desembarque do iate Granma e o triunfo da Revolução Cubana. A batalha de Playa Girón, diferentemente, significou no entender de Fidel Castro a realização de uma meta específica: a implantação de um regime socialista em terras cubanas (RODRIGUES, 2021), aspecto ideológico que no excerto supracitado pode ser observado por meio da menção do mandatário a um discurso de seu irmão, Raul Castro, feito dois dias antes, em San Antonio de los Baños, uma das bases militares fortemente atingidas pelos ataques realizados em abril de 1961.

Fidel Castro afirmou ainda que Volosky teria se referido à batalha de Playa Girón como uma “façanha” em virtude, sobretudo, da desproporção de forças entre Cuba e os EUA, consolidando a versão de que o conflito resultou na primeira derrota “imperialista” na América Latina. Nesse ponto do discurso, nota-se que o emissor aproveitou a ocasião para expressar o papel que ele próprio atribuía a seu país naquele contexto histórico, e a maneira pela qual, em sua opinião, o exemplo da Revolução Cubana poderia influenciar os processos revolucionários na região, e, em particular, o chileno.

Nesse sentido, observa-se o esforço empreendido pelo estadista ao enaltecer a experiência da guerrilha em Cuba e ao dizer que, na ilha, as “façanhas” haviam se tornado “naturais” e “cotidianas”, caracterizando como banais as tarefas tidas como impossíveis para outros povos. Mais do que uma mensagem político-ideológica voltada apenas para a opinião pública interna, as palavras de Fidel Castro sugerem uma interpretação do contexto histórico em que o governo da Unidade Popular surgiu a partir do exemplo fornecido pela luta armada cubana, considerada por ele como a estratégia mais adequada para a construção de uma sociedade socialista e, no limite, comunista.

A se julgar pela narrativa de Fidel Castro, o governo cubano buscou divulgar a si próprio como uma referência política para os movimentos insurgentes inscritos no campo das esquerdas latino-americanas. Em relação ao Chile, nota-se, pelas palavras de Castro, o anseio do regime socialista insular em se colocar na posição de referência em relação ao projeto de poder pacífico capitaneado por Salvador Allende, a partir de 1970, quando iniciou seu mandato presidencial (WINN, 2010). Contudo, essa tese proposta por Castro acabava se chocando indiretamente com as duas principais estratégias políticas defendidas pelo presidente chileno: em primeiro lugar, sua atuação pacifista, distante de qualquer defesa da luta armada como método de conquista e manutenção no poder por parte dos revolucionários; em segundo lugar, seu respeito às regras institucionais da democracia liberal burguesa vigente no Chile.

Se o objetivo da chamada via chilena ao socialismo era a mesma que a cubana,

os meios eram inteiramente distintos, e em alguma medida discordantes. Levando em consideração tal discrepância, e inclusive revelando de forma implícita suas preferências e convicções políticas, a estratégia de comunicação adotada por Castro em um evento em memória de Playa Girón não deixou de defender diante de um representante do governo chileno, Volosky, a viabilidade da luta armada praticada em Cuba pelo Movimento 26 de Julho (M 26-7) como o modelo insurgente mais indicado para o que chamou de “definitiva emancipação” da América Latina.

Nessa perspectiva, a realidade experimentada pelo Chile no começo dos anos 1970 se mostrou uma oportunidade privilegiada para o governo cubano – na figura de seu líder, Fidel Castro –, não apenas demonstrar sua solidariedade ideológica a Salvador Allende, mas também, de forma paralela, enaltecer a luta armada como o caminho mais adequado a ser seguindo por quem desejasse implementar uma ruptura política sem compactuações com as elites capitalistas nacionais e internacionais. Mesmo reconhecendo a importância da via pacífica de construção do socialismo praticada por Allende, é particularmente interessante notar que, segundo Castro, o país sul-americano poderia realizar futuramente “um Girón ou muitos Girons contra os agressores” e os “reacionários” que desejassem pôr fim ao governo da Unidade Popular.

Em outras palavras, Castro propunha a um governo declaradamente pacifista que pegasse em armas assim que necessário com o objetivo de enfrentar seus adversários, oferecendo para isso o “espírito de Girón” emanado de Cuba como uma inspiração ideológica, além do entusiasmo de “milhões

de cubanos” que estariam dispostos a se transformarem rapidamente em “soldados revolucionários da América” ou “combatentes de Girón” (CASTRO, 1971) com o objetivo de apoiarem Salvador Allende e a expansão do socialismo pelo continente americano.

Playa Girón “angolana”

Em discurso realizado no dia 19 de abril 1976, o tom adotado por Fidel Castro em relação à política latino-americana foi cauteloso, e até certo ponto pessimista, em virtude do que chamou de “experiência dolorosa” fruto do alastramento de regimes autoritários pela região. Em meio a tais dificuldades, o regime socialista insular reorientou sua atuação diplomática, procurando investir em outras estratégias de inserção global. A partir da segunda metade da década de 1970, a ilha caribenha lançou mão de suas Forças Armadas Revolucionárias (FAR) para intervir militarmente em países africanos que atravessavam processos de ruptura colonial com suas respectivas metrópoles europeias, oferecendo também assessoria técnica em diferentes áreas, como saúde e educação, aos movimentos de libertação nacional. Nesse contexto histórico, a readequação da narrativa pautada na solidariedade internacional e no anti-imperialismo ganhou um novo palco: Angola.

Al conmemorar este XV Aniversario de la heroica y gloriosa victoria de Girón, nuestro pueblo tiene un motivo adicional de orgullo, que expresa su más hermosa página internacionalista y que

trasciende las fronteras de este continente: la histórica victoria del pueblo de Angola (APLAUSOS PROLONGADOS) [...] En Girón se derramó sangre africana, la de los abnegados descendientes de un pueblo que fue esclavo antes de ser obrero, y fue obrero explotado antes de ser dueño de su patria. Y en Africa, junto a la de los heroicos combatientes de Angola, se derramó también sangre cubana, la de los hijos de Martí, Maceo y Agramonte, la de los que heredaron la sangre internacionalista de Gómez y el Che Guevara (APLAUSOS PROLONGADOS). Los que un día esclavizaron al hombre y lo enviaron a América, tal vez no imaginaron jamás que uno de esos pueblos que recibió a los esclavos, enviaría a sus combatientes a luchar por la libertad en Africa.

La victoria de Angola fue hermana gemela de la victoria de Girón (APLAUSOS). Angola constituye para los imperialistas yankis un Girón africano (APLAUSOS). En una ocasión dijimos que el imperialismo sufría sus grandes derrotas en el mes de abril: Girón, Viet Nam, Cambodia, etcétera. Esta vez la derrota llegó en marzo. El 27 de ese mes, cuando los últimos soldados sudafricanos, después de una retirada de más de 700 kilómetros, cruzaron la frontera de Namibia, se había escrito una de las más brillantes páginas de la liberación del Africa Negra. [...] Ningún país del Africa negra tiene nada que temer del personal militar cubano. Somos un pueblo latinoamericano enemigo del colonialismo, el neocolonialismo, el racismo y el apartheid a los que protege y apaña el imperialismo yanki (CASTRO, 1976a).

A partir de 1976, as lembranças da batalha de Playa Girón passaram a ter como pano de fundo o que Fidel Castro chamou de “motivo adicional de orgulho” e “generoso” e “irrestrito” apoio do governo cubano à independência de Angola, uma antiga colônia portuguesa que buscava consolidar seu processo de independência iniciado pouco tempo antes (ORTIZ, 1979). Enfatizando os elos históricos entre Cuba e a África, no trecho supracitado o mandatário afirmou que os eventos de abril de 1961 derramaram o “sangue africano”, em alusão ao fato de grande parte da população insular descender dos escravizados trazidos para a América durante o período da colonização espanhola.

Assim, a memória de Playa Girón entra em cena como uma forma de “reconciliar” os afro-cubanos, e, no limite do argumento, a própria nação cubana, com suas origens, ressignificando a diáspora dos povos submetidos ao trabalho compulsório na América. De acordo com a propaganda oficial, Cuba, uma das nações que mais recebeu escravos ao longo da história colonial, deveria se engajar nos combates pela descolonização e independência da região denominada por Fidel Castro de “África Negra”, visto que, segundo ele, os “descendentes” de um “povo escravo” deveriam participar ativamente da luta pela superação do passado escravocrata herdado dos tempos coloniais.

Por isso, Castro retratou a vitória militar cubana-angolana diante das tropas sul-africanas apoiadas pelo governo dos EUA como uma “irmã gêmea” da batalha de Playa Girón, ocorrida quase quinze

anos antes do início da Operación Carlota, como ficou conhecida a participação de Cuba no conflito angolano, entre 1975 e 1991. Interpretando os eventos internacionais a partir das experiências históricas cubanas, o mandatário se referiu à vitória militar em favor da independência de Angola como “Girón africano”, sugerindo a partir dessa metáfora uma dupla derrota do imperialismo estadunidense em continentes, contextos e períodos diferentes: uma em abril de 1961 e outra em março de 1976. A “irmandade” afro-cubana revela a tentativa de o governo cubano se reposicionar em um cenário geopolítico marcado pela Guerra Fria e pela ascensão do Movimento dos Países Não Alinhados, organização que seria presidida por Castro entre 1979 e 1983, a partir de um conflito de grande projeção internacional.

O apoio do regime socialista insular ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) também apareceu em outras passagens do discurso supracitado por meio da expressão “Girón de Angola” (CASTRO, 1976b), o que sugere uma forma de apadrinhamento das lideranças da Revolução Cubana à emancipação angolana. Ao tomar a memória de Playa Girón como base para interpretar processos político-sociais alheios ao contexto original da invasão da Baía dos Porcos, as palavras de Fidel Castro revelam uma intencionalidade voltada tanto para o público externo quanto para o interno, fazendo da vitória de abril de 1961 um marco temporal relevante para exprimir a função reservada a Cuba no processo de descolonização de países africanos.

Considerações finais

Tendo em vista os casos acima analisados, relativos às releituras que Fidel Castro fez da memória da batalha de Playa Girón por meio das conexões históricas entre a Revolução Cubana e o contexto político-social de países como Brasil, Chile e Angola, é possível concluir que as distintas rememorações do conflito de 1961 visavam construir “representações coletivas” (BURKE, 2006, p. 75) capazes de identificar o público ouvinte com as demandas dos sucessivos tempos presentes, ou seja, com os problemas, dilemas e percalços enfrentados pelo regime socialista insular entre os anos de 1964 e 1976.

Versátil, elástica e polissêmica, a memória da vitória revolucionária ajudou a consolidá-la como um dos mais relevantes marcos históricos do calendário cívico criado pela Revolução Cubana. Para além do fato em si, ou mesmo das narrativas elaboradas com o objetivo de defender pontos de vista favoráveis ou contrários ao socialismo insular, evidenciamos como os usos da lembrança de Playa Girón se adaptaram às diferentes conjunturas políticas ao longo do tempo, revelando as tentativas de Fidel Castro de intervir sobre cada contexto histórico particular por meio de uma memória atualizada ou adaptada às necessidades de seu contexto de enunciação.

Como estratégia de comunicação, tais dinâmicas de reatualização do passado nos sucessivos tempos presentes (HALBWACHS, 2006) visavam cancelar

a ordem político-institucional fundada em Cuba a partir de 1º de janeiro de 1959, com o triunfo dos guerrilheiros sobre o regime autoritário de Fulgêncio Batista, e redirecionada, dois anos depois, poucas horas antes do início da batalha de Playa Girón, quando Fidel Castro declarou publicamente o caráter socialista de seu governo, abrindo caminho para o estabelecimento de uma progressiva aproximação política, ideológica e econômica com a URSS, potência inimiga dos EUA na Guerra Fria.

A partir do manejo da memória de um acontecimento que representou uma defesa armada da Revolução Cubana frente a seus inimigos, patrocinados pelo governo dos EUA, Fidel Castro conseguiu estabelecer diálogos, conexões e interfaces com cenários internacionais complexos, que envolveram, entre outros temas, o papel dos militares na vida política nacional, os caminhos para a construção do socialismo na América Latina e a luta anticolonialista na África contra as antigas metrópoles europeias.

Por fim, ao longo de nossa análise foi possível detectar impactos diretos dos eventos internacionais sobre o processo de ressignificação da memória de Playa Girón, assim como a construção de uma espécie de “cubanização” das interpretações relativas a uma parte da realidade histórica latino-americana e africana, que através das constantes lembranças à vitória revolucionária ocorrida em abril de 1961 visavam reforçar a legitimidade da Revolução Cubana dentro e fora da ilha. ■

[BRUNO ROMANO RODRIGUES]

Bacharel em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), mestre em História pela Universidade de São Paulo (USP). Doutorando no departamento de História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP). Atualmente, estuda os usos políticos da memória pela Revolução Cubana, com ênfase nos discursos proferidos por Fidel Castro. E-mail: romanorodrigues@hotmail.com

Referências

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CASCORRO, Raul. **Gente de Playa Girón**. Havana: Casa de Las Americas, 1962.

CHAVEZ, Clara; MEDINA, Dulce; ALMOHALLA, Saul (orgs.). **Girón. Biografía de la Victoria**. Havana: Política, 1986.

CORRALES, Raul. **Playa Girón**. Havana: Letras Cubanas, 1985.

CORRALES, Saúl; TORRES, Carlos (ed.). **Girón. Los días gloriosos de una batalla**. Valencia: Aurelia, 2007.

DEL PINO, Rafael. **Amanecer em Girón**. Havana: Letras Cubanas, 1982.

FRANCHOSI, Gabriel Molina. **Girón, Bahía de Cochinos. El mayor error de Kennedy**. Havana: Política, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

Historia de una agresión. **El juicio a los mercenarios de Playa Girón**. Havana: Venceremos, 1962.

JOHNSON, Haynes. **The Bay of Pigs: the leaders' story of brigade 2506**. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 1964.

MACHADO, Quintin. **La batalla de Girón. Razones de una victoria**. Havana: Ciencias Sociales, 1983.

MACÍAS, Raúl. **Girón: historia verdadera de la brigada 2506**. Havana: Letras Cubanas, 1984.

MARRERO, Josué. **Relatos de Girón**. Havana: Letras Cubanas, 1982.

MAYO, José. **Niños héroes de Playa Girón**. Havana: Gente Nueva, 1983.

MOLINA, Gabriel. **Diario de Girón**. Política, 1984.

NAPOLITANO, Marcos. **História do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2017.

ORTIZ, José. **Angola: un abril como Girón**. Havana: Política, 1979.

PERÉZ, Eugenio; ROMAN, Acela. **Batalla por la indemnización. La segunda victoria de Girón**. Havana: Verde Olivo, 2016.

PRADO, Giliard. **A construção da memória da Revolução Cubana**: a legitimação do poder nas tribunas políticas e nos tribunais revolucionários. Curitiba: Appris, 2018.

RODRIGUES, Bruno Romano. A memória de Playa Girón e o socialismo cubano: reflexões sobre os discursos de Fidel Castro na efeméride do 19 de abril (1971-2001). **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, v. 18, n. 2, pp. 416-433, 2021.

RODRÍGUEZ, Juan. **Girón**: la batalla inevitable. La más colosal operación de la CIA contra Fidel Castro. Havana: Capitán San Luis, 2010.

ROS, Enrique. **Playa Girón. La verdadera historia**. Miami: Universal, 2001.

TOLEDO, Caio Navarro (org.) **1964. Visões críticas do golpe. Democracia e reformas no populismo**. Campinas: Unicamp, 2014.

TRIAY, Victor. **Bay of Pigs. An oral history of brigade 2506**. Miami: University Press of Florida, 2020.

WINN, Peter. **A revolução chilena**. São Paulo: Unesp, 2010.

WYDEN, Peter. **The Bay of Pigs**: the untold story. Nova Iorque: Simon & Schuster, 1979.

Fontes

CASTRO, Fidel. **Playa Girón. Derrota del imperialismo**. 2 tomos. Havana: Ediciones R, 1961.

CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario y Primer Secretario del Partido Unido de la Revolución Socialista de Cuba, en la velada solemne para resumir los actos de celebración del tercer aniversario de la victoria del pueblo de Cuba en Playa Girón, efectuada en el Teatro Chaplin, el 19 de abril de 1964**. 1964. Disponível em: <https://bit.ly/3V7KHX3> . Acesso em: 10 maio 2020.

CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto central en conmemoración del X aniversario de la victoria de**

Playa Girón, efectuado en el teatro de la CTC, el 19 de abril de 1971. 1971. Disponível em: <https://bit.ly/3Hehzrt>. Acesso em: 10 maio 2020.

CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por Fidel Castro, Presidente de la República de Cuba, en el acto central por el XV aniversario de la victoria de Girón y la proclamación socialista de nuestra Revolución, celebrado en el Teatro Carlos Marx, el 19 de abril de 1976, "Año del XX aniversario del Granma"**. 1976a. Disponível em: <https://bit.ly/3NdpoSj>. Acesso em: 10 maio 2020.

CASTRO, Fidel. **Angola. Girón africano. Discurso de Fidel Castro en el XV aniversario de la Victoria de Playa Girón.** Havana: Ciencias Sociales, 1976b.

CASTRO, Fidel. **Así se derrotó al imperialismo.** 2 tomos. Cidade do México: Siglo Veintiuno, 1978.

CASTRO, Fidel. **Fidel Castro habla de Playa Girón.** Melbourne: Ocean, 2001a.

CASTRO, Fidel. **Playa Girón. Bahía de los Cochinos. Primera derrota militar de Washington en América.** Nova Iorque: Pathfinder, 2001b.

CASTRO, Fidel. **Fidel: días de Girón.** Havana: Verde Olivo, 2001c.

DÍAZ-CANEL, Miguel. **Discurso pronunciado por el compañero Miguel Díaz-Canel Bermúdez, Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros de la República de Cuba, en la Sesión Constitutiva de la IX Legislatura de la Asamblea Nacional del Poder Popular, en el Palacio de Convenciones, el 19 de abril del 2018, "Año 60 de la Revolución"**. 2018. Disponível em: <https://www.presidencia.gob.cu/es/presidencia/intervenciones/discurso-pronunciado-en-la-sesion-constitutiva-de-la-ix-legislatura-de-la-asamblea-nacional-del-poder-popular/>. Acesso em: 10 maio 2020.